

Anderson Nogueira

A MORTE
DO
COVEIRO

PoD
editora



A MORTE
DO
COVEIRO

Anderson Almeida Nogueira



Rio de Janeiro
2020



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade todo do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contida e declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

A morte do covoeiro

Copyright © 2020, Anderson Almeida Nogueira

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

*Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro*

*Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br*

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa e do livro:

Acervo do autor

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N71m

Nogueira, Anderson Almeida

A morte do covoeiro / Anderson Almeida Nogueira. 1ª ed. – Rio de Janeiro: PoD, 2020.

68p. ; 21cm

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-31-5

1. Ficção brasileira. I. Título.

20-64833

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

10.06.20

18.06.20

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Sumário

Prefácio	7
I	11
II	15
III	19
IV	21
V	25
VI	29
VII.....	33
VIII.....	37
IX.....	41
X	45
XI.....	49
XII.....	53
XIII.....	59
XIV	63
XV.....	65

Prefácio

Uma situação inusitada acometeu a pequena Arraial de Monte Santo da Água Fria, cidadezinha do interior de Minas Gerais: a morte do coveiro municipal momentos antes de exercer a sua função, a de despachar uma “encomenda” para a cidade dos pés juntos.

E a situação só piorou nos dias que se sucederam com a morte de mais três operário da pá de cal, como eram conhecidos os coveiros no lugar. Todos com sinais de assassinato.

Que interesses sórdidos havia por trás das misteriosas mortes?

Para solucionar o caso era preciso a sagacidade de um detetive com a expertise de um admirador de Sherlock Holmes.

No desenrolar da trama de “A Morte do Coveiro”, o suspense dos assassinatos se mistura com as excentricidades de um político populista, a corrupção comercial, amores antigos, tudo temperado com bom humor ácido. E um desfecho surpreendente.

Anderson Nogueira

Para Laís & Pedro Henrique,
novos amores da vida inteira.

I

O bloco estava na rua... Quer dizer, o cortejo fúnebre descia a ladeira da Consolação na direção da morada final do velho Hermógenes. O tabelião, figura ilustre do Arraial de Monte Santo da Água Fria, morrera aos 101 anos de causas naturais – “velhice” – como escreveu a doutora Flor de Laís, que atestou o óbito.

O Cemitério Municipal “Sua Hora É Chegada” ficava localizado próximo ao principal rio da cidadezinha, bem perto da cabeceira da ponte da linha férrea, o que fazia com que os desocupados apelidassem os cortejos de “Bloco dos Unidos da Ponte”, no que eram imediatamente repreendidos pelas beatas locais, “pecadores”, diziam, “vão arder nas chamas”. Parecia uma profecia...

Arraial de Monte Santo da Água Fria, cidadezinha do interior de Minas Gerais tinha cerca de 1.200 habitantes. A maioria trabalhava na roça, em pequenos sítios onde se plantava mandioca, couve, se criava galinha, porco e um “gadinho de leite” como dizia seu Zé da Onça, “pra fazer manteiga, doce de leite e beber de caneca, direto da teta da Malhada”. A vida na cidadezinha era bem simples e pacata; o que se produzia no campo era vendido nas vendas de balcão da vila, ali não havia supermercados ou outros comércios de autosserviço. A cidade era tão pequenininha que só tinha dois botequins, um na entrada e outro na saída, para não dar confusão; os clientes de um não iam no outro. Tinha

a “Pensão da Dona Brígida” e duas igrejas, uma de cada lado da praça, além de umas poucas lojinhas. A maioria das pessoas trabalhava mesmo era na prefeitura. E tinha o cartório do seu Hermógenes, o falecido.

Como era costume nesses pequenos povoados do interior, o comércio fechava as portas quando passava um cortejo com “uma encomenda”, como dizia dona Neuza, proprietária de metade dos estabelecimentos comerciais do lugar.

Comum também era o político populista. Mas isso já não era privilégio local...

Defunto célebre, cortejo concorrido! Seu Hermógenes era o morador mais velho do lugar, nasceu de parteira quando só tinha uma rua na cidade; agora tem cinco, praticamente uma metrópole interiorana. O prefeito, Severo Meloso ia à frente da procissão fúnebre, terno preto, camisa roxa e gravata vinho – uma elegância. O lenço na mão esquerda era para enxugar as lágrimas que teimavam em não brotar apesar esforço teatral do homem. Com a mão direita acenava para o povo das calçadas, em um claro oportunismo típico populista.

A viúva e os dezesseis filhos seguiam ao lado do carrinho que levava o “terno de madeira”. Sim, dezesseis filhos! Oito eram com a viúva oficial, dona Cândida. Os outros oito foram resultado de aventuras extraconjugais, “deslizes que o inimigo me fez cometer”, dizia o velho Hermógenes, mas o Altíssimo já me absolveu, dizia convicto, afinal dobrava o valor do dízimo a cada novo nascimento de mais um herdeiro. Se dona Cândida o absolvera, aí já eram outros quinhentos...

O cortejo seguia lento, como de costume. À frente ia a bandinha municipal “Maestro Políbio de Almeida”, composta por 6 músicos tocando a marcha fúnebre, cada qual com um instrumento: uma tuba, um bumbo, um trompete, um tarol, um par de pratos e uma flauta doce. O dobrado era conhecido por todos, mas sempre emocionava a quem o ouvia na hora derradeira.

Logo depois da esquina da ladeira da Consolação com a rua da Igualdade, avistaram o Campo Santo “Sua Hora é Chegada”, mais alguns passos – lentos – e, finalmente, se despediriam para sempre do velho tabelião. Mas, para surpresa geral, o cemitério estava fechado, portão cerrado com duas voltas de corrente e o cadeado feito nas oficinas da Estrada de Ferro Oeste de Minas. “Mas logo na apoteose”, pensou o alcaide com seus botões.

Os presentes se entreolharam sem nada entender, afinal às 10 horas da manhã, o grande portão de grades de ferro ornamentado com cruzeiros e pombas de latão já deveria estar aberto, e com o coveiro municipal, funcionário dedicado há trinta anos, com centenas de despachos para o além no currículo, esperando pela encomenda, munido de pá e um balde com cal virgem.

II

Um tumulto logo se fez na frente do cemitério, ninguém estava entendendo nada. “Onde está o Percival Coveiro?”, os presentes ao cortejo se perguntavam. “De certo está de ressaca, aquele cachaceiro”, alguém falou. “Vou demitir esse filho d’uma égua!”, gritou descontrolado o prefeito, severo como o seu nome, e nada meloso como o sobrenome.

Um dos filhos do *de cujus* tomou à frente do povo que se aglomerava em frente ao grande portão de ferro e falou: “Calma minha gente, estamos num lugar santo, vou pular o muro e procurar uma pá para quebrar o cadeado e abro o portão por dentro”. Assim o fez, com o auxílio do irmão do meio da parte oficial da prole do velho Hermógenes, pulou o muro branco que nem era tão alto assim, com facilidade. Ninguém nunca tentara fazer isso, nem de fora pra dentro, nem de dentro pra fora...

Caminhou por um instante à procura por uma ferramenta para bater contra a fechadura, “Tem que ter uma pá por aqui”, pensou. Quando se virou na direção da quadra F, a surpresa: Percival Coveiro estava caído atrás de uma lápide, a pá jogada de lado, a chave do grande portão presa na cintura, com um ferimento da cabeça e uma poça de sangue, morto. O rapaz pegou a pá e deu uma cutucada com ela no coveiro para ter certeza que tinha morrido mesmo, pegou a chave e correu para o portão, destrancando-o. Esbaforido, deu a notícia que surpreendeu a todos.

“Como assim o coveiro morreu!?” Gritou histérico o prefeito. “Coveiro não morre, porra! Por acaso alguém já viu enterro de coveiro? Como é que pode se suceder uma coisa absurda dessas. E quem é que vai enterrar o cabra?”, continuou. “Ele se auto enterra por acaso?”

Foi uma confusão daquelas. Mulheres desmaiavam, os homens confabulavam sobre “quem teria feito isso com o Percival?”, era o que todos se perguntavam. “Era um cabra bom, merecia um passamento mais bonito”, disse um companheiro das pingas no boteco da praça; “era um cabra de alma pura”, disse o vizinho; “despachou três gerações de água-frienses para a cidade dos pés juntos”, lembrou o padre Lukako, saudoso.

Dona Cândida, a viúva chorava e desmaiava, desmaiava e chorava. Com o cuidado de cair sempre para o lado que tivesse alguém para segurá-la, claro. “Quem vai enterrar o Hermogenezinho?”, gritava a cada vez que recobrava a consciência, e voltava a desfalecer.

O prefeito Severo Meloso andava de um lado para o outro, inconformado. Secava a testa com o lenço antes preparado para aquela lágrima que teimava em não rolar.

Hermógenes Júnior, o filho mais velho, aquele mesmo que pulou o muro e achou o cadáver do coveiro, falou: “Deixa comigo prefeito Meloso, eu mesmo enterro o meu velho pai”, disse em tom solene, em posição de sentido e colocando a mão no coração, como se estivesse se apresentado para o campo de batalha.

“Nem pense nisso”, reagiu prontamente o secretário de administração. “Só quem está habilitado a despachar a encomenda pro além é o responsável devidamente constituído para a função. Qualquer pessoa fora desse contexto estaria atentado contra as leis humanitárias, sindicalistas e eclesiásticas, inclusive”. Continuava solene o administrador do paço municipal, Aricléber Corvo. “O prefeito poderia até ser *impichado* da prefeitura por quebra de decoro”, exagerou o Corvo, referindo-se à

possibilidade de impeachment do alcaide, obviamente sem o menor fundamento legal.

“Tens razão, Ari, meu braço esquerdo”, concordou o prefeito. “Não seria braço direito, chefe?”, corrigiu o secretário. “Esquerdo, seu animalzinho sem rabo. Eu sou canhoto, né...”

Subindo no banco de pedra que ficava na calçada do cemitério municipal, o chefe do executivo fez um pronunciamento de improviso: “Senhoras e senhores da plateia desse espetáculo de plantamento do velho tabelião Hermógenes no seio da terra de nosso Arraial de Monte Santo da Água Fria, donde frutificará tal qual um pé de cambucá; fica, nesse momento adiado o referido acobramento terreno do finado até que a prefeitura contrate um novo coveiro, profissional especializado em usar a caneta, que nesse caso é a pá, para plantar vidas, ou melhor mortes”.

“Isso é um absurdo”, reagiu o filho mais velho do falecido, o mais velho dos não oficiais, não o que pulou o muro, diga-se de passagem. “O que vamos fazer com o papai, levá-lo pra casa?” No que se ouviu um novo “Ohhh!” Era a viúva Cândida desmaiando mais uma vez.



Composto e impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

2020